

Stadium

N.º 16 // 24 de Março de 1943



1\$50

Azevedo defende com segurança, a-pesar-de «apertado» por Gomes da Costa e Carreira Dias. Cardoso segue atentamente o esforço do seu guarda-redes

(foto Nunes d'Almeida)

PROCEDEU-SE já à inauguração da nova temporada de ciclismo. As perspectivas podem não ser muito lisonjeiras — mas há ainda largas possibilidades de entusiasmo.

Por parte do norte, fala-se numa modificação de forças que pode contribuir para animar as provas da respectiva região: José Pardal, que se distinguiu no Pôrto, passa a representar Sangalhos; a equipa do Pôrto ficará com Aniceto Bruno, Império dos Santos e Manuel Cardoso; Armando Esteves continua em Sangalhos; e o Salgueiros e o Académico formam, também, equipa. É, pois, de esperar maior animação.

A Associação Naval de Lisboa abriu já a sua nova época de provas de remo. As escolas funcionavam há tempo — no tanque e no rio. Falta fazer as primeiras saídas — em regata. E fê-las num domingo, de manhã.

Começou, pois, o trabalho de afinação — para as tripulações.

ESTÃO mais umas bodas de ouro em perspectiva — as que respeitam à Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz. A velha Naval figueirense prepara-se para festejar os seus 50 anos de existência.

A Naval 1.º de Maio é uma das melhores agremiações desportivas de toda a província, tendo, no seu palmarés, entre outras iniciativas de valor, a instituição, organização e disputa, em vários anos, de uma prova internacional de remo. Em meio século, tem realizado obra magnífica — em prol dos desportos.

UM dirigente da Académica afirmou alguns que na Coimbra das capás não passaria ninguém... Pois passou logo o primeiro que até lá se ajoitou...

Depois, em jornada como que de rectificação, vieram os estudantes a Lisboa assombrar o indígena, levando para a sua terra uma vitória — e que vitorial — sobre os campeões crómicos...

Mas foi sol de pouca dura... A pouco e pouco foi-se desafiando o diapasão, e eis os estudantes batidos com estrondo orquestral...

O dirigente que desassombadamente entoou cânticos de vitória nas terras dos seus domínios e não regateou palavras para se gabar de outras possíveis, quasi certas, vitórias, nos locais de menos nomeada, deve ter metido a viola no saco...

Fica, porém, para a história uma opinião que se não escondeu e que, por tudo, era absolutamente igual a outras, muitas, que ficaram escondidas...

ESTA marcado para 10 do próximo mês de Abril o congresso da Federação Portuguesa de Natação. Como preparativos para a reunião anual, assentou já, a respectiva direcção, na escolha dos nadadores e clubes que devem receber, este ano, as «Record», medalhas de «Estímulo», «Assiduidade» e «Serviços Distintos». É uma série longa de medalhas — de propaganda e estímulo.

Ficou para execução no decurso da temporada do corrente ano a proposta de concessão de medalhas especiais — para os clubes que mantêm escolas com regularidade.

Os Jornais e o Público

ENCONTRAMOS há dias, no conhecido semanário «Sol», um artigo digno de referência. Ventilava-se, com brilho e flagrante oportunidade, um problema curioso — o das características que o livro oferece, como obra de pensamento e produto de uma indústria.

O objectivo de qualquer livro como obra de pensamento depende naturalmente do número de leitores. Não será, pois, necessário vendê-lo. Bastaria que o lêssem, e que se compreendêsse a intenção do autor. O seu objectivo depende, em última análise, do êxito da leitura que merecer — em número e qualidade. Como produto de uma indústria com direito a viver, o livro tem outro objectivo — a sua venda ao maior número de pessoas.

Há, portanto, dualidade entre os interesses morais do autor e os interesses industriais do editor. Mas esta dualidade é aparente, porque, sem a indústria do livro, não podem haver autores, ou não podem os autores ver o seu trabalho retribuído em condições que justifiquem a sua existência como escritores. Combatia-se, por isso, a tendência para se emprestarem livros — ou para se pedir o seu empréstimo. E afirmava-se que o livro, como produto industrial, deve merecer o mesmo respeito que os produtos de outras indústrias.

Tudo quanto constava do artigo a que nos referimos se pode aplicar aos jornais — ao jornalismo e às pessoas que dele vivem. Um jornal é também obra de pensamento ou doutrinação, mas o jornalismo é ao mesmo tempo uma indústria. Tem os seus direitos, as suas obrigações e os seus interesses legítimos. O êxito da sua missão depende, sem dúvida, de haver quem o leia; mas a existência de qualquer jornal depende do número de compradores. Merece, pois, como indústria, o respeito que correspondia ao cuidado com que é feito — em sùmula e em apresentação. Deve portanto ser combatida a tendência para o empréstimo, que é muitas vezes apenas pretexto para o jornal ser lido «à borla» — ou com redução de preço...

Os direitos à leitura por parte das pessoas que não têm recursos próprios para a compra de jornais ou livros, estão defendidos com a existência de bibliotecas. Mas as outras pessoas deviam respeitar os legítimos interesses de toda a indústria que é dirigida com honestidade.

Quem precisa de um colarinho para qualquer visita de cerimónia não vai certamente pedi-lo emprestado a um camiseiro conhecido. E as pessoas que compram um colarinho por causa de uma visita desta ordem, não vão depois devolvê-lo ao camiseiro — para que este o receba com desconto e o venda mais tarde...

Os jornais, como os livros — precisam de ter leitores que os comprem. Sem isso — não podem existir.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ANO XI — LISBOA, 24 DE MARÇO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 16

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade de

SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Goncalves 19-3.

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NFOGRAVURA, LTD

Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VIS ADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A expansão desportiva na província tem os seus colapsos — em grupos, jogadores e variedade de modalidades em prática. Núcleos que tiveram certa ou grande agra em alguns anos, perdem-se, por vezes, quasi não se falando deles. E nem sempre se sabe com facilidade se o facto resulta da crise de seus ou do progresso de outros...

Em Santarém, houve tempo em que os «deões» scalabitanos tiveram regulares aspirações ou chegaram a forma de certo valor. Agora, é a Académica que domina — em futebol. Os tempos mudam.

A existência de pistas de ciclismo é indispensável para aquele desporto. Mas não basta. Uma pista sem provas — é como se não existisse. O exemplo dado pelo Académico do Pôrto é sugestivo; a tal respeito. Tem um velódromo regular. E passam-se meses sem se organizar qualquer corrida!

Não é por isso de estranhar que o ciclismo estacione.

SEGUNDO notícias recebidas há pouco em Lisboa, a Federação Francesa de Esgrima continua a trabalhar para a viagem a Portugal da sua equipa de espada, na semana da Páscoa. Já obteve a necessária licença do seu governo, faltando somente remover algumas dificuldades que se prendem com a actual situação internacional.

Por este motivo, a Federação Portuguesa chamou a atenção das nossas Salas de Armas para a necessidade — de interesse nacional — de manterem os seus atiradores em constante actividade, com vista às provas de selecção a efectuar para o possível encontro Portugal-França.

Também se encara a hipótese da ida a Barcelona dos nossos melhores esgrimistas, por ocasião dos Jogos Hispano-Americanos.

Urge, portanto, que o trabalho das Salas seja encaminhado no melhor sentido práctico, facilitando assim a F. P. E. a sua espinhosa missão.

ENTRARAM já em período de grande actividade os treinos de preparação para os campeonatos escolares de remo. Os desportos náuticos têm sofrido notável impulso de propaganda por parte da «Cidade Portuguesa» e da «Bri-gada Naval».

Ops ouw vjppp sojvnoeufvso so por isso, aguardados com interesse.

AS relações desportivas de portugueses e espanhóis — dois povos vizinhos e amigos — são cada vez mais firmes. Ainda há pouco tempo se disputou o «match» de bilhar, e, no Estoril, jogou-se agora o terceiro encontro de «golfe»; mas já se fala em mais dois: o de ténis de mesa, entre as duas equipas nacionais, e o de «hockey», de Lisboa com Barcelona, a disputar, pela primeira vez, na capital catalã.

E agora a propósito de «hockey»: vão reeditar-se os «matches» Lisboa-Pôrto.

Em Abril devem jogar, na capital do País, os «teams» das duas cidades, que se defrontam pela quinta vez.

Desfolhando saúdaes

FERNANDO BOAVENTURA

«recordman» do salto à vara

acaba de morrer no Brasil

FOI um choque brutal. Conheciamo-lo forte, decidido, irradiando alegria; vimo-lo partir confiante, na certeza de dominar o destino com a mesma energia simples que lhe permitia vencer os adversários nas competições desportivas. Passam dois anos, nem tanto, e a vida vence-o, afinal, traiçoeiramente, porque foi valente, resoluto, amigo leal e seguro.

O destino tem assim, às vezes, injustiças paradoxais.

Conhecemos Fernando Boaventura, cuja morte trágica no Brasil profundamente impressionou todo o meio desportivo português, desde o início da sua actividade no atletismo, em 1937, representando o Ateneu Comercial, cujos cursos frequentava. O seu grande poder de simpatia conquistava ao primeiro contacto e, como nós, eram seus amigos todos os companheiros de desporto, camaradas ou adversários.

Admiravelmente preparado por uma cultura gymnástica intensa. Boaventura ingressou no atletismo com excepcionais recursos e,

logo aos primeiros ensaios, revelou-se, aos olhos de quem soube ver, um saltador à vara susceptível de elevadas marcas, estofado de campeão que confirmou sem tardança assim que conseguiu o indispensável aperfeiçoamento técnico.

Vencedor no campeonato regional de principiantes de 1937 (a sua prova de estreia) com 2,92 metros, repetiu a proeza nos regional e nacional de júniores, transpondo respectivamente 3 m. e 3,18 m., esta última marca «record» da categoria.

No ano imediato estabeleceu com 3,20 m., novo máximo escolar e classificou-se em 2.º lugar no campeonato nacional de seniores, com 3,20 m., e no Torneio de «Os Sports», com 3,30 m.. Passa em claro a temporada de 1939 — e no ano seguinte transfere-se para o Sporting, onde passa a trabalhar sob nossa orientação.

Aluno ideal, voluntarioso, de rara habilidade natural, servida por aptidões de gymnasta consumado, a acção do treinador limitava-se a apontar erros de pormenor que pre-



Como saltava Fernando Boaventura

judicavam o resultado do exercício e eram de momento corrigidos. Boaventura aprendeu desta forma a rotação e flexão angular do corpo na passagem da barra — e as suas marcas melhoraram de seguida.

No campeonato escolar, representando ainda o Ateneu, transpôs 3,425 m., e em 10 de Agosto do mesmo ano, 1940, no Estádio do Lima, sob as cores do Sporting, alcançou 3,70 m., sendo ambas as marcas ainda «records» portugueses.

Nunca mais poderemos esquecer este concurso dos nacionais: Boaventura prepara-se para atacar o «record» de Vieira, seu rival e grande amigo, e sob a aparente calma de atitudes, nós, os que mais de perto convivíamos nessa hora ambiciosa, sentiamos os nervos em ebulição... A prova começou sob bons auspícios e o atleta leonino teve um único derrube aos 3,40 m.; só ele conseguiu passar os 3,50 m. — e a barra foi colocada logo a 3,62 m., altura «record».

Quando Boaventura começou no extremo da pista de balanço a sua concentração, o Estádio mergulhou no mais absoluto silêncio, lição de desportivismo com a qual o público português, que enchia a bancada, soube dignificar-se. Temos ainda nos ouvidos a ressonância das passadas durante a corrida e a explosão de aplausos que cobriu o esforço vitorioso do saltador!

A barra voltou a ser elevada, para 3,70 m., e a primeira tentativa foi novo êxito; mas a queda foi infeliz e Boaventura maguou-se de forma que não pôde prosseguir nos seus ensaios.

Em 1941 a forma tardou em chegar, porque a aprendizagem da libertação sucessiva das mãos lhe foi mais difícil e perturbou o ritmo geral do estilo. Foi por isso batido no campeonato regional com um resultado inferior, mas triunfou mais tarde no torneio da «Taça Jacinto Duarte», no campeonato nacional e no Porto-Lisboa, em que transpôs 3,60 m..

No decorrer dos nacionais de 1941, Boaventura foi de recurso incorporado na equipa sportinguita da estafeta 4 x 100 metros e com

ela obteve o seu terceiro e inesperado título máximo.

O perfil desportivo de Fernando Boaventura não ficaria completo sem a referência aos seus merecimentos de gymnasta; preparado e educado na escola do Ateneu, trabalhou durante dois anos na classe de gymnástica aplicada do mestre António Carmo, no Sporting, com a qual se apresentou em diversos saraus e festas públicas, dando prova de ser barrista e paralelista igual aos melhores de Portugal.

No espírito de quantos com ele privaram, a sua recordação perdurará, mais forte do que a distância e do que a morte. E estas palavras de singela evocação valem um ramo de perpétuas saúdaes colocado sobre a sua campa pelos camaradas portugueses de desporto e pelos companheiros do clube que ele serviu com brio e defendeu com entusiasmo.

SALAZAR CARREIRA

Campeonato de Lisboa de Handball

A derrota do Sporting, frente ao Unidos, por 3-0, não foi a nota sensacional da jornada porque o ineditismo da falta de comparência marcada ao Benfica e a «Os Treze», cumulativamente, se sobrepôs. O certo é que este domingo foi fértil em casos que reputamos de novidade: a falta de descendência do árbitro no encontro Benfica — «Os Treze», a falta de três elementos imprescindíveis no *team* do Sporting e a falta de fôlego dos rapazes de Marvila, a quem o Belenenses derrotou por 15-1

Torneios de Esgrima

Está marcado para amanhã, quinta-feira, às 21 horas, no Gimnásio Clube Português, o torneio oficial de segundas categorias de florête.

— O torneio de florête das Escolas Secundárias, que a Federação Portuguesa de Esgrima fazia disputar anualmente, passa a ser organizado pela «Mocidade Portuguesa».



Uma fotografia histórica: no Estádio do Lima, Fernando Boaventura saltou 3,70 m., estabelecendo o «record» nacional ainda hoje de pé

Maria Clara

Antiga "Ping-Pongista" de "Os Combatentes" e a última revelação do TEATRO MUSICADO

VAI em dezanove anos que nasceu, numa casinha humilde da travessa das Almas, à Lapa, onde ainda hoje habita com a família, aquela que é agora a Maria Clara, firme realidade do teatro musicado, quicá a maior revelação artística da temporada. Mas quem é, afinal esta Maria Clara? Uma rapariga simples e que, a pesar de aureolada já pelas trombetas da fama, não perdeu ainda as qualidades que sempre a caracterizaram e a tornaram querida: a modéstia e a graça natural da mocidade sã e triunfante que é apanágio das gentes do desporto. Sim — porque a «Bia», a Maria da Conceição Ferreira — perdão: a Maria Clara da actualidade... — também é uma rapariga de desporto...

Tendo vivido sempre naquele lar humilde da travessa das Almas — no coração de um dos bairros mais populares desta encantadora Lisboa — a azougada «Bia» cêdo começou demonstrando as suas inclinações para a carreira que, mais tarde e quâsi sem esperar, havia de dar realce ao seu nome.

Aos quatro anos já as meninas da vizinhança — quando, nas suas brincadeiras, faziam «rodas» e cantavam — era a «Bia» que elegiam rainha! E mais tarde, aos nove anos, era a «vedeta», por direito próprio, das réclitas infantis que o Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes» promovia com frequência. A sua vivacidade impunha-se; e ela era querida, acarinhada por todos! Até que... um dia o «Século» lembrou o seu nome! E houve um empresário arrojado que a aproveitou para interpretar, como figura principal, a opereta popular «A costureirinha da Sé». Prestou as suas provas. Foi um êxito que a consagrou e impôs definitivamente.

Maria Clara — sabe melhor pronunciar este nome simples de rapariga do povo — prática o desporto desde pequenina! Frequentava a escola de «Os Combatentes» quando «Os Sports» encetaram a campanha pró-cursos infantis de ginástica, ideia que as colectividades de desporto acompanharam com carinho. Nas classes do clube da travessa do Possolo, Maria da Conceição — uma simpática petiza de dez anos — era das mais assíduas alunas. E aos treze completava as suas práticas desportivas, iniciando-se no «ping-pong». Sempre nos «Combatentes» — um clube vizinho, ali a dois passos, apenas, da casa onde nasceu e mora ainda...

Mas a vida evoluciona — e Maria Clara teve de seguir outros rumos! Passara o seu tempo de menina e tornava-se necessário pensar no futuro! Frequentou então a Escola Rodrigues Sampaio; e ali, como anteriormente, foi aluna aplicada, tirando brilhantemente o seu curso; é uma rapariga educada, que fala correctamente o francês e o inglês, e que tem, por consequência, as suas adaptações para a vida... Mas nunca pensara a sério no teatro e por isso não frequentou o Conservatório... A prática veio-lhe dos palcos de sociedades de recreio, do hábito de colaborar em réclitas de amadores... Mas triunfou — logo ao primeiro «pulos»!

Arte e desporto — duas ideias que andam ligadas e têm a mesma projecção! Do ginásio ao teatro — eis um título que quadra muitíssimo bem a esta crónica. Como fundo: a Maria Clara. E, em síntese, a vitória do desporto na pessoa da antiga «ping-pongista» do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», pequenina «estréla» das réclitas de amadores — que em todas as suas manifestações artísticas soube criar uma personalidade e conquistar os aplausos da platéia — as simpatias dos seus colegas. O Pôrto — onde se estreou como atriz — recebeu-a de braços abertos e com o carinho que é peculiar aos seus habitantes. Festejou Maria Clara da maneira mais expressiva — dando-lhe o «impulso» de que ela precisava...

Mas Lisboa não a esqueceu! A manifestação promovida à sua chegada pela Federação das Sociedades de Recreio constituiu a certeza de que os seus «antigos» companheiros e admiradores — antigos não é bem o termo, porque Maria Clara não os deixara há muito e nem sequer os abandonara... — tinham bem presente sua figurinha gentil, que os encantara e tantas simpatias e amizades lhe grangeara a ela.

(Continua na página 15)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



O glorioso Ginásio Clube Português está comemorando o 68.º aniversário: 1 — Na sessão solene efectuada na sede, sob a presidência de Alvaro de Lacerda; 2 — Um grupo de velhos e sempre dedicados "ginastas"; 3 — No almoço levado a efeito pela direcção, Mário de Noronha saudou o G. C. P. em nome do Comité Olímpico. A direita, Lima Júnior, dedicado presidente do velho Ginásio.

4 — Na inauguração da biblioteca do Atlético Clube de Portugal

(foto. Ismael)



NA undécima «ronda» do torneio principal, só um «team» visitado perdeu: e esse foi o do Barreiro, precisamente no «match» em que se defrontavam os dois Unidos.

O conjunto da jornada forneceu a indicação seguinte:
Sporting-F. C. Pôrto, 5-2 (2-2).
Benfica-Olhansen, 3-1 (1-0).
Unidos (Bar.)-Unidos, 2-4 (3-9).
Vitória-Belenenses, 3-1 (0-12).
Leixões-Académica, 2-2 (2-8).
Confirmaram: Benfica e Unidos.
Rectificaram: Sporting, Vitória e Leixões.

Classificação:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica...	11	10	—	1	50-19	20
Sporting...	11	8	1	2	38-23	17
Belenenses...	11	8	—	3	47-14	10
Unidos...	11	5	1	5	48-35	11
Olhansen...	11	4	2	5	25-26	10
Académica...	11	4	2	5	39-35	10
Vitória (*)...	10	3	2	5	22-43	8
Pôrto...	11	3	2	6	24-40	8
Unidos (Bar.)...	11	3	—	8	26-49	6
Leixões (*)...	10	—	2	8	9-43	2

(*) — Têm um jogo em atraso.

Modificação de maior importância na tabela: a subida dos «leões» ao segundo lugar e a queda do Belenenses para terceiro, consequência da derrota em Guimarães.

Vento a mais...

O jogo do Lumiar estava destinado — pelo nome dos clubes em luta e porque o público lisboeta ansiava por ver o F. C. Pôrto depois da sua vitória sobre o Belenenses — a ser aquele que mais interesse despertaria. Mas não sucedeu assim — porque o vento não deixou. É certo que os jogadores se esforçaram, a espaços, mas com o vento e a poeira a contrariar-lhes a vontade era inútil qualquer tentativa. O jogo teve mesmo, de aplaudir, apenas meia dúzia de pormenores: duas defesas primorosas de Azevedo (uma delas a remate portentoso de Correia Dias, parado na ponta dos dedos); uma outra defesa, arriscadíssima, de Valongo; a insistência de Daniel para marcar o terceiro «goal» do Sporting; o excelente ponto do portuense Araújo, só possível pela sua muita atenção ao jogo e grande vontade; e, finalmente, a recuperação brilhantíssima (porém sem o prémio merecido) dos visitantes no último quarto de hora, em que, já com o resultado de 2-5, não deram tréguas à defesa sportinguista, tendo, até, Guilhar um «shot» bem mandado com o pé válido e que a trave devolveu. No conjunto, porém, a partida deu-nos futebol de qualidade medíocre, apenas espaçado por uma ou outra reacção esporádica, insuficiente para classificar jogadores e categorizar um «match» em que se defrontavam «teams» de primeiro plano. E houve ainda alguns jogadores tocados: Daniel, Pinga e Guilhar, o último um pouco mais, tanto que teve de passar para extremo esquerdo; e Valongo, numa colisão involuntária com Mourão — será o «keeper» portuense um suicida?... — abriu uma brecha na teta.

...e bola no ar!

Nestes «matches» prejudicados pelo vento — a pecha é já antiga para ter remédio... — é hábito levantar a bola, quando tudo aconselha que os jogadores a «colem» o mais possível ao terreno; mas como evitar que a bola fuja e tome direcções diferente daquelas que se lhe queiram dar, quando não há a preocupação de a dominar? Bar-



FUTEBOL

O Sporting subiu um degrau...

trocando de posição com o Belenenses

rosa e Daniel — num lado — Alfredo e Baptista — no outro — capricharam, quasi sempre, em levantar o jogo, dificultando por vezes a sua marcha. Mas, nesse sistema, poucos foram os jogadores que se salvaram: uma excepção para Lourenço, Canário, Pinga e Gomes da Costa.

Em período de recuperação

Uma coisa há, todavia, a notar neste jogo: é que o Pôrto parece ter entrado num período de recuperação; e a ser assim a prova valorizar-se-á. O «team», realmente, mostrou mais personalidade — a personalidade que começava a tardar e que os números não reflectem com exactidão. Porque se é certo que os «portistas» não mereciam ganhar o jogo, também é verdade que o resultado podia ter sido muito diferente. Três «goals» de vantagem, é de mais, para o pouco que o Sporting fez...

Ao F. C. Pôrto coube o comando das operações até ao intervalo; e por duas vezes esteve na situação de vencedor; se não fossem os deslizes de Valongo — dando-nos a impressão de acusar ainda os efeitos do acidente de que foi vítima, no jogo com o Olhanense, no primeiro dia do mês de Fevereiro — talvez que o «score» da primeira parte fosse outro. E depois, a defesa de Azevedo, quando o resultado estava em 2-1, deve ter contribuído para cercar-lhe possibilidades, até porque o Sporting empatou acto continuo e passou, mesmo, a jogar mais confiadamente. No segundo tempo, contra o vento, os portuenses — que estiveram algum tempo a jogar com duas unidades a menos: Pinga e Guilhar — deram impressão de fadiga, só voltando «ao de cima» à entrada do último quarto de hora. Mas já não havia tempo para modificar a feição da luta. Salientaram-se: Guilhar com despachos longos, a varrer o terreno; Nunes, Gomes da Costa e Araújo, um rapazito imberbe mas com imensa habilidade. Pinga, nalgumas jogadas de pormenor, fez-nos saudades; mas foi sol de pouca dura...

Um «team» de oportunidades...

No Sporting continua a notar-se dificuldade de compôr o «team» com elementos que possam assegurar-lhe continuidade de concurso; e a falta de Marques fez-se sentir grandemente. A exibição dos «leões» não foi ainda de molde a convencer a crítica — e assim é impossível ajuizar com segurança das capacidades actuais do «team». Na frente houve muito atabalhoamento, muita balbúrdia, e, em consequência, dificuldade de movimentação. A defesa melhora, porém, com a subida de Barrosa — que salvou um «goal» certo numa altura em que Azevedo estava batido. E na linha intermediária é

justo destacar o labor de Lourenço e de Canário, o último procurando sempre baixar o jogo.

O Sporting marcou dois «goals» na primeira parte — e perdeu outros... — com a cooperação do «keeper» contrário. E no segundo tempo espezitou e fez três pontos sem resposta — mas não chegou a convencer ninguém...

Os sete «goals»

O Pôrto foi o primeiro a marcar, devido a uma teima vitoriosa do pequeno Araújo; mas os «leões» empataram na jogada seguinte, por intermédio de Daniel. A dez minutos do intervalo marcou-se um «corner» contra o Sporting, e Canário, num lance infeliz, deu a bola a Correia Dias — e foi «goal»! Aos 44 minutos, Valongo, apertado por Mourão, deixou escapar a bola; e o sportinguista atirou-a com o pé esquerdo para a baliza deserta: 2-2.

Mais três «goals» no segundo tempo, todos do Sporting: de Daniel, aos 9 minutos, «furando» por entre três adversários que davam a impressão de apostados em ver qual deles seria capaz de tocar na bola...; de Cruz, aos 20 minutos — no período em que o Pôrto tinha só nove homens, com Baptista no lugar de Guilhar e Correia Dias a médio centro — e de Peyroteo, a nove minutos do final.

Podia ser pior...

O Benfica — sem grandes rasgos — chegou ao intervalo com 2-0, ambos os «goals» marcados nos últimos oito minutos: por Pires, de «shot» fortuito, e Julinho. Mas o resultado é lisonjeiro para o Benfica, cuja equipa não jogou o suficiente para o merecer, segundo assinala a crítica. Houve várias falhas e o entusiasmo dos algarvios era digno de melhor compensação. No segundo tempo as coisas correram melhor — porque os campeões nacionais aceleraram e deram então a impressão de mais afoiteza e decisão no ataque. E os olhanenses não tiveram audácia bastante para contraporem à melhoria de jogo do Benfica. Mas quando os visitantes fizeram o seu «goal», por intermédio de Salvador, pairou no campo um fio de descrença... Entretanto fez-se o «goal» preciso, de confirmação, com um pontapé feliz de Teixeira. E o sossego voltou...

Entre unidistas

Na partida do Barreiro — em que se defrontaram os dois «teams» do Unidos — a sede levou a palma à filial. Um ligeiro golpe de cabeça de Brito deu o primeiro «goal», logo ao princípio; depois o jogo arrastou-se — pontapé aqui, pontapé acolá — sem interesse de maior, até que Almeida (Barreiro) meteu a bola na sua própria baliza, dando o segundo tento aos visitantes.

A poucos minutos do reatamen-

to, Tanganho fez terceiro «goal», mas Galinheiro encarregou-se, mais tarde, de deminuir a desvantagem. E até final registaram-se mais dois «goals»: um de Baptista, por Lisboa; outro de Vieira, pelo Barreiro.

Sucedeu em Guimarães...

Ao Belenenses — que contou já com Salvador, mas a quem fez falta a ausência forçada de Feliciano e Elói — sucedeu o mesmo que ao F. C. P.: foi perder a Guimarães! E quer-nos mesmo parecer que, naquele campo de Bem-lhe-vai, as coisas não «vão bem» para os que têm ainda a desdita de ir à terra que foi berço da nacionalidade... Os lisboetas, apesar de desfalçados, lutaram com denodo — mas os campeões do Minho foram mais animosos ainda e até mais expeditos. Chegaram ao intervalo a ganhar por 1-0 («goal» de Miguel) e na segunda parte, depois de terem consentido o empate (por José Pedro) tiveram ainda ocasião para fazer outros dois pontos: de Ferraz e Laureta, ambos no último quarto de hora.

Os académicos tiveram pouca sorte

Em Leixões, os estudantes de Coimbra — cujo «team» festejou o reaparecimento de Octaviano — não lutaram com felicidade. Foram nitidamente superiores no primeiro tempo e marcaram os seus «goals», por Micael e Alberto Gomes; mas de nada lhes serviu a vantagem porque o Leixões operou forte reacção no segundo tempo, e, como teve a fortuna por si, pôde chegar ao empate: dois «penalties»; e foram outros tantos «goals» que Nélito marcou, o último a dois minutos do final.

JORGE MONTEIRO

Torneio da 2.ª Divisão

A décima primeira jornada da competição designou mais dois clubes para a segunda fase da prova: O Académico de Viseu e o Operário Vilafranquense. Eleva-se já a catorze o número de clubes apurados e outros têm já a sua qualificação assegurada.

Isto quer dizer que não tardará que a prova entre na sua fase de maior interesse.

No último domingo verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting de Fafe-Gil Vicente, 4-3; Vizela-Vianense, 5-2; Sporting de Braga-Vitória (R.), 9-2; Avintes-Valadares, 4-2; Boavista-Porto (R.), 0-3; Calhábé-União Coimbra, 1-2; Santa Clara-Naval, 1-0; Académica (R)-Lusitania, 5-2; Académico Viseu-At. Travanca, 5-4; S. L. Covilhã-Covilhãense, 2-0; S. L. C. Branco-Sp. C. Covilhã, 0-3; Alhandra-Op. Vilafranquense, 2-3; Estoril Praia-Sacavense, 4-0; S. C. Olivais-Belenenses (R), 3-1; Atlético-Operário, 6-0; Chelas-Marvilense 3-1; S. L. Faro-Sp. Farense, 0-1; Lusitano-Olhansen (R), 3-0; Glória-Louletano, 3-2.

Desta vez não houve, em tão elevado número como habitualmente, «scores» expressivos, a não ser o resultado obtido pelos «leões» de Braga, que espreitam um deslize de Famalicão. Mas este teima em continuar «leader».

Os favoritos da zona de Coim-

(Conclue na pág. 10)

SEJA qual fôr o resultado que o F. C. do Pôrto tenha obtido em frente do Sporting, na 2.ª mão do campeonato nacional da I Divisão, uma coisa ficou já certa, positiva, a atestar o que pôde o «querer», quando esse «querer» encontra da parte de todos uma compreensão perfeita e nitida.

Muitos foram aqueles que se dirigiram ao campo da Constituição para verem o F. C. do Pôrto «perder» em frente do Belenenses. Mas todos os que tiveram essa ideia saíram enganados. O programa alterou-se, porque o vencedor foi o F. C. do Pôrto!

Não sabemos o motivo, mas entre os «rapazes» do grupo «azul-branco» tinha sido aceite a teoria da derrota permanente. Era essa, pelo menos, a impressão que todos tinham, depois dos tristes resultados ultimamente feitos, corroborados com o desastre sucedido em Guimarães.

A «genica» tinha desaparecido, e o F. C. do Pôrto apresentava em campo um grupo já antecipadamente batido — e por resultados mais ou menos volumosos. Não havia espírito de equipa, todos pareciam em jogar o pior possível; daí a certeza que os seus adversários tinham na vitória.

Veio o Belenenses aureolado com a sua posição de «leador». O pinguim tornou-se gigante, o desânimo foi varrido por um vento forte de confiança. E eis que o F. C. do Pôrto apresenta à assistência entusiasmada, mas boquiaberta pela surpresa, um grupo batalhador, enérgico, perseverante, um grupo inteiramente desconhecido, como se d'ele fizessem parte elementos completamente novos.

Com mais ou menos felicidade, todos se esforcaram, todos foram dignos da vitória conquistada — que não teve, nos números, a expressão do domínio exercido pelo grupo portuense na primeira parte. Bem se esforçou o sector médio visitante, bem batalhou e marcou os elementos mais perigosos do ataque contrário. O triunfo surgiu sem reservas, resplandecente de brilho.

Desde Valongo — que reapareceu na plenitude da sua forma — até Araújo, na extrema esquerda, todos tiveram a sua cota parte no resultado.

Foi uma ravinavolta impressionante, que deixou espantados todos os que assistiram ao jogo. Que seria?

Não sabemos. Mas fôsse o que fôsse, dêste encontro ficou-nos a certeza de que, com umas afinações mais, o F. C. do Pôrto deve no futuro dar que falar. É tarde para recuperar o perdido, mas aguardemos os dias melhores, que não faltarão.

Haja já, haja confiança. Mas não excessiva — somente aquela que é indispensável para vencer e convencer.

MÁRIO AFONSO

STADIUM no Porto

Tôda a correspondência que diga respeito a assuntos da capital do norte deve ser endereçada ao nosso correspondente naquela cidade, Rua da Vitória, 38, 2.º.

A-PROPÓSITO DE...

Atitudes, gestos e boas maneiras

HA quem diga que os desportos de competição se não fizeram para senhoras — isto no intuito de depreciar aquêle que reclama contra uma carga mais dura, mais desleal, mais «a varrer».

E aqui está o primeiro engano. Foi feito para tôda a gente, tanto para senhoras como para homens — mas não foi feito para certa «gente». Assim é que está certo. Se, em boa verdade, só devem cultivar desportos de competição elementos atléticamente preparados, possuindo robustez e compleição física de acôrdo com a modalidade desportiva praticada, isso não quer, por forma alguma, dizer que aquêles só podem ser reservados para quem possua a força de um Sansão.

Ainda não vai longe o tempo — que não deixou saudades — em que os retângulos de jogo se transformavam em «ringo» de box ou em arena de circo. Muitas vezes — tantas vezes! — os campos de desporto foram tudo menos aquilo para que estavam destinados. E muito embora essa «moda» tenha passado, ainda aparece um ou outro caso, em especial nas modalidades pobres, que exige correctivo igual à infracção cometida.

Os desportos são o meio para obter o desenvolvimento de um povo, tendo por base a educação física; os desportos são meio para se obter a elevação do índice de robustez de uma nação; não devem representar processo de depauperamento, de enfraquecimento, por serem mal orientados ou mal praticados.

Já ouvimos dizer que os desportos eram uma «escola de tuberculoses», pela razão de não presidir à selecção dos desportistas um criterioso exame médico, feito à base do interesse nacional e não do interesse clubístico. Foi um erro tremendo que se cometeu, mas a que já se opôs cautério pronto e eficaz.

Naturalmente que o desportista praticante está numa modalidade

com o intuito — deve estar, pelo menos — de se tornar fisicamente mais forte, e não para contraír enfermidades para tôda a vida.

É preciso que todo o desportista veja no seu adversário de momento, não um inimigo, mas um desportista como ele, que procura cumprir a sua missão com elevação e carácter. Daí o não se admitirem as fases violentas, as «entradas» desleais — que os regulamentos punem e a mais elementar moral condena.

Entretanto, êste «mal» transformou-se em vício, passou do esporádico para o normal. As competições deixaram de ter elegância, passando a ser uma «coisa» em que o bom senso se aborrece. E o desportivismo — palavra tantas vezes apregoada — entrou a ser «letra morta».

As boas maneiras não se conheciam, os gestos e as atitudes eram tudo o que há de mais condenável, pelos excessos cometidos.

Remédio? Sim, existe. É tanto existe, que êle está sendo pôsto em prática com todo o rigorismo que os factos exigiram. Procura-se sanear os desportos dos elementos nocivos, extirpando o que há nêle de mau. Já isso começou no futebol — e com excelentes resultados.

Mas é preciso estender essa «terapia» a outras modalidades, especialmente aquêlas em que, por falta de fiscalização superior directa, as «coisas» ainda estão correndo muito tortas... Nesta cidade há uma competição desportiva onde ainda se não fez sentir essa acção. E como se presta, pela sua maneira de jogar, ao choque entre jogadores, o «caústico» tem que ser mais punitivo, mais forte.

Há que dar aos desportistas, a-par dos conhecimentos técnicos, uma forte dose de educação desportiva — para que o desporto seja, acima de tudo, uma escola de civismo.

FLOREANO BASTO

Notas sem valor...

A FINAL, Santiago voltou a envolver a camisola do Académico... Esteve no último jogo da sua série — em Ramalde. Foi, portanto, para o meio desportivo portuense — especialmente, no sector do Excelsior — uma surpresa. Bom trabalho «diplomático» de Adérito Parente...

— Outra «estrela» futebolística, muito em destaque na presente época, a ser cobçada por um clube do sul — Elizeus, médio-esquerdo da selecção da A. F. do Pôrto. O Sporting Clube de Portugal, o principal interessado, já tentou... uma aproximação entre a direcção do Académico.

O jogador do Barreiro, em serviço militar numa unidade de Lis-

boa, tem sido muito «apertado» — e recebeu, por várias vezes, certas visitas...

— Ficou já solucionado o «caso» Pôrto-Heroísmo, com as conclusões do inquérito elaborado pelo vice-presidente da Associação de Handball do Pôrto, dr. Horácio da Silveira. Mantem-se, pelo visto, o primeiro ponto — a vitória do F. C. do Pôrto... O clube da Rua do Heroísmo, foi batido aos pontos — no campo e na secretaria.

— A homenagem aos componentes da turma de «handball» do Salgueiros — justíssima — foi transferida para outra oportunidade: para o dia da inauguração da nova sede. É justa — repetimos — a consagração aos brócos atletas

PASSADA a época carnavalesca, que atraxou um domingo ao campeonato do Pôrto, voltou a actividade aos campos de «handball». A 5.ª jornada caracterizou-se pela excessiva dureza posta na luta pelos grupos, baixando sensivelmente o nível técnico do jogo. As arbitragens, por sua vez, não foram felizes — por demasiada benevolência. Desta maneira, os grupos sentiram-se à vontade e... prevaram.

Conclue-se que é necessário, desde início dos encontros, uma maior severidade, para reprimir qualquer tentativa de falta.

O abandono a que foi votado, nas últimas épocas, o castigo de 13 metros, e que trouxe muitas vezes o comentário da crítica honesta, foi, agora, completamente resgatado.

Hoje, dentro de um cuidado que atinge o ridículo, os árbitros, em tôdas as intervenções dentro da grande área, vêem aso ao referido castigo.

Mas não está bem. Do mesmo modo que se exagerou até aqui pela falta de aplicação da Regra 15, exagera-se agora na sua abundância...

É preciso recordar que, no ataque sobre a baliza, quem defende tem o direito de, dentro do possível e das normas da correcção, impedir o remate à sua rede.

No comportamento com o adversário não há «livres»: ou há castigo de 13 metros — se há falta — ou, então, nada.

O exagôro deve partir da confusão lamentável da «dureza» com «violência».

LEME

do Salgueiros, pela sua actuação, na última época, no campeonato da II Divisão.

— Novos melhoramentos no parque de jogos do Vilanovense F. Clube. O Ferraz Carneiro, o «guia» da gerência do clube gaianse, tem largos projectos — ideias bonitas, de muita utilidade para o desporto da sua terra.

— Dois jogadores de «basketball», de primeiro plano, com vontade... de sair do burgo tripeiro. Os «rapazes» têm boas ofertas...

— O Candal, não concordando com o «parecer» do Conselho Técnico da Associação de Futebol do Pôrto, levou o «caso» para o C. F. e Jurisdiccional. Perdeu, novamente, a questão: ficou com o jogo homologado.

— Anda já um clube desta cidade, com vista à próxima época, a fazer «nova» colheita. De preferência, jogadores a «trabalhar», muito novos, fora dos «vícios» da bola... A Promoção e II Divisão, são, pois, o ponto de concentração dos dirigentes desse clube.

— O «caso» do ciclismo Anicéto Bruno aceitou a proposta do seu clube. Fica por cá, com a certeza de fazer frente aos consagrados do sul.

— Roberto Machado, nome bastante conhecido no desporto e figura de valor, continua com o cargo de orientador técnico da equipa do Lima. Tem personalidade e categoria de dirigente — duas «coisas importantes» para bom desempenho de uma missão.

DR. ALVARENGA

Valongo vai executar uma das mais notáveis defesas da tarde, detendo o violento remate de Armando Ferreira



(fotos Nunes d'Almeida)

Bela defesa de cabeça de um "back,, algarvio



(fotos Manique)

Um defesa do Olhanense antecipa-se a Abraão

A DERROTA DO BELENEENSES ^{em} GUIMARÃES

FAVORECEU O SPORTING NA CARREIRA PARA O TITULO



Como Correia Dias bateu Azevedo no 2.º "goal,, dos portuenses

Um momento de perigo para as rédes da Académica. Vasco conseguiu, porém, afastá-lo



(foto Hermann)

O MÉDICO PARA O F. C. DO PORTO — Uma recaída, meu amigo. A febrê subiu mais 5 graus... «esféricos»!...



Peyroteo "disparou,, o 5.º ponto do Sporting! Valongo parece abocar um deuto de súnias



Uma luta desigual — Creia Dias e Cardozo



Uma das muitas tentativas dos "azuis,, em Guimarães — sem êxito



Este centro de Rafael foi concluído por José Pedro — que fez o único ponto do Bele-nenses

(fotos Magalhães)

O PAÇO DE ARCOS

é o novo campeão de Portugal

... e o Futebol Benfica conquistou a taça «Stadium»

JÁ uma vez vencedor da «Taça de Honras» — o torneio mais importante da F. P. Patinagem, depois dos campeonatos nacionais e regionais — o Paço de Arcos «arquivou» agora novo triunfo: o mais importante da sua carreira! Mereceu-o amplamente. E veio contribuir para tornar mais interessantes as próximas competições oficiais. Porque, aureolado com um título nacional, o clube de Paço de Arcos terá maiores responsabilidades...

Nas duas partidas do torneio verificaram-se os resultados seguintes:

F. Benfica-P. Arcos 3-4
P. Arcos-F. Benfica 6-2

A simples indicação dos números dispensa comentários à cerca-da acção, a todos os títulos brilhante, dos novos campeões; e os vencidos devem ser os primeiros a reconhecerem, pois que ser apiado de um título não significa, de modo nenhum, quebra de prestígio nem perda de qualidades — mas simplesmente a consequência natural de uma pugna desportiva em que todos os factores são contingentes! E o Paço de Arcos mostrou-se perfeitamente à altura da situação, ganhando com inteiro merecimento a um «team» que a confiança trahu...

A jornada de Paço de Arcos foi bem melhor que a anterior em Benfica. Em todos os aspectos, desde o «dêcor» fornecido pela assistência ao próprio jogo — mais dinâmico, mais vivo, mais espectacular. Os visitantes estiveram sempre em inferioridade: 0-1 (Raposo); 1-1 (Olivério); 1-2 (Correia); 2-2 (Olivério) e 2-3 (Correia) até ao intervalo; 2-6 (Gomes, Raposo e Gomes) no segundo tempo.

O jogo teve interesse do principio ao fim, conduzido sempre com vivacidade e entusiasmo. E a assistência também se interessou, sobretudo na segunda parte. Jogadores e público foram correctos — como haviam sido já em Benfica. Em suma; excelente jornada de propagação.

A abrir a «saísson» disputou-se o jogo de reservas. Na primeira partida o Futebol Benfica triunfou, por 6-4; perdeu desta vez (2-3) mas o resultado obtido «em casa» foi o suficiente para assegurar-se a posse da taça «Stadium», oferta desta revista e entregue em campo pelo nosso director, dr. Guilhermino de Matos.

O Paço de Arcos sucede ao Futebol Benfica (1940 e 1942) e ao Sporting (1939) na lista dos campeões de Portugal.

RUGBY

O BELENENSES

terminou a 1.^a volta do campeonato de Lisboa à frente da classificação

SOB a arbitragem do sr. Calheiros, o Benfica bateu, por 8-0, no campo do Fidé, o Gimnásio. No jogo, disputado com afino, pôde destacar-se a linha de 3/4 do Benfica; o Gimnásio cuidou mais da defesa. Um defeito que se notou nas duas equipas e que é preciso eliminar, neste desporto, é a hesitação. O jogador de «rugby» deve ter bons reflexos, óptimos reflexos mesmo, ser ponderado mas decidido (não confundir esta decisão com precipitação). Receber a bola, ver a melhor possibilidade e agir, são coisas entre as quais o tempo deve ser mínimo. Quando a bola está em nossas mãos, e se pode actuar, deve optar-se, pensando consequências, entre passar, shootar ou qualquer outra coisa; o que é necessário é actuar, nunca ficar parado, hesitante, sem saber que escolher. E isto, se se passa num curto tempo, é o suficiente para o adversário inutilizar qualquer jogo que fosse possível fazer-se.

Os pontos do Benfica resultaram de dois «drop-goals» marcados por Martins Vieira.

O Belenenses deslocou-se para

FUTEBOL

Campeonato Nacional

(Conclusão da pág. 6)

bra tiveram dia pouco afortunado — ambos a jogar no campo dos adversários. O União conseguiu ganhar pela tangente; e a Naval perdeu... e perdeu também todas as esperanças de passar à segunda fase da prova, em benefício do União.

De salientar a boa réplica do Travanca, em frente do Académico de Viseu. O Operário Vilafranquense saiu-se airoso da sua deslocação para Alhandra.

Entre os lisboetas, pode parecer surpresa a derrota da reserva do Belenenses; note-se que o «team» alinhou desfalcado e que os «jovialenses» têm animado na segunda volta da «poule».

No Algarve, a reserva do Olhanense, batida em Vila Real, deixou de apouquentar os mais sérios competidores. A luta deve agora travar-se entre o Sporting Farense e o Lusitano.

ZÉ DO PEÃO

o Estoril e bateu o grupo local por 12-0; e a Académica da Amadora perdeu «em casa», por 3-0, com o Atlético.

Terminou a primeira volta do campeonato. Como figura de primeiro plano temos o Belenenses; em segundo lugar estão, com duas derrotas cada, o Gimnásio, o Atlético e o Benfica.

BASKETBALL

O ATLÉTICO

é «leader» do campeonato de Lisboa

A primeira volta do campeonato de Lisboa concluiu com o «team» do Atlético Clube de Portugal à frente da classificação, conforme a tabela final estabelece da forma que segue:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Atlético	11	9	1	1	442-320	30
Unidos	11	8	2	1	444-310	29
Benfica	11	8	3	0	428-313	27
Belenenses	11	6	4	1	359-325	24
Lisgás	11	6	4	1	347-290	24
Algés (7)	11	6	5	0	439-380	23
Carnide (6)	11	5	0	6	342-334	24
Sporting (10)	11	4	7	0	298-405	19
Maria Pia (11)	11	4	7	0	341-394	19
Campo Ourique (8)	11	3	6	2	273-350	19
Ateneu (9)	11	3	7	1	345-468	18
Rio Sêco	11	1	11	0	266-397	11

Apontam-se entre parentesis os lugares ocupados na «ronda» anterior.

Na última jornada — que tinha no encontro Atlético-Benfica o maior atractivo; e tão grande que chamou ao campo da Boavista assistência numerosíssima — verificaram-se os resultados seguintes:

Lisgás-Rio Sêco, 29-19 (18-9)
Unidos-Carnide, 43-29 (22-11)
Sporting-C. Ourique, 28-27 (13-19)
Mar. Pia-Belenenses, 34-33 (19-21)
Atlético-Benfica, 44-20 (20-13)
Algés-Ateneu, 68-33 (31-13)

A vitória dos alcantarenses — à base de energia — merece relevo especial, porquanto era crível esperar-se algo mais dos benfiquenses, até mesmo porque o «score» ao intervalo não fazia prever desnível tão pronunciado no segundo tempo; mas no declinar do jogo, principalmente, o Atlético deu boa conta de si e impôs-se decisivamente.

Dos outros resultados podem apontar-se, como de mais retumbância, a derrota do Belenenses, diante de uma Maria Pia em noite de felicidade, e a vitória dos unidistas sobre os carnidenses. Interessante, também, a recuperação dos «leões» na segunda parte do seu jogo com os ouriqueenses.

Nas categorias inferiores, são «leaders»: Atlético (2.^{as}), Algés (3.^{as}) e Belenenses (4.^{as}), todos eles contando por triunfos as partidas disputadas.

O BANQUETE ANUAL do Gimnásio Clube

O banquete oficial do aniversário do Gimnásio Clube Português, realizado no domingo, decorreu com a animação habitual. Compareceu elevado número de sócios antigos e modernos, não faltando o sócio n.º 1, D. Nuno da Fonseca, e velhos elementos de prestígio no prestimoso clube e no professorado desportivo, como Artur dos Santos, João Possolo, João de Brito e dr. Jaime Neves. Presidiu o sr. Álvaro de Lacerda, ladeado, à direita, pelos sr. tenente-coronel Salvação Barreto, Mário de Noronha e almirante Pinto Basto, e, à esquerda Lima Júnior, Carlos Xafredo e dr. José Pontes.

Na altura dos brindes, falaram os sr. Álvaro de Lacerda, te-

Hockey em campo

«Record» batido pelo Futebol Benfica

NA história dos campeonatos de Lisboa de hockey em campo havia — como proeza de muito mérito — o «records» que o Benfica estabeleceu de 1927 até 1931/32, conquistando cinco títulos consecutivos. Era a época áurea dos «encarnados» que tinham apenas no Internacional adversário à altura do seu valor; mas apareceu o Futebol Benfica — e as coisas modificaram-se. No ano seguinte houve luta encarnada para o título e o «Cif» voltou a figurar na lista dos campeões; e então o Benfica passou a contar com dois concorrentes. A breve tregua, porém, o Futebol Benfica passava — como dizia um nosso ilustre camarada — a «mó de cima»; e duas vezes foi campeão. O Benfica voltou, contudo, a conquistar um título, mas depois disso somente o Futebol Benfica tem figurado na lista, sem interrupção! E já lá vão seis anos!!!

Eis a lista completa dos vencedores: 1923 e 24 — Hockey; 1925 a 27 — Internacional; 1928 a 1932 /33 — Benfica (em 1930 não se disputou campeonato); 1933/34 e 34/35 — Futebol Benfica; 1935/36 — Benfica; 1937/38 até 41/42 — Futebol Benfica.

O panorama da modalidade não tem, a bem dizer, horizontes largos... O Futebol Benfica parece estar talhado para desempenhar o papel de campeão crónico — e essa circunstância não interessa, realmente, à propagação do «hockey», até mesmo porque deve causar fadiga aos simpatizantes sabermos que há um «team» invencível!

Por isso o «match» final, entre os dois Benficas interessou tanto. A assistência foi boa e o jogo também — mas a pesar da tenacidade dos encarnados, o título não mudou de possuidor. É que, na primeira volta, os campeões haviam ganho no Campo Grande; e, em Benfica, a tarefa era-lhes evidentemente, mais fácil. Bastou-lhe empatar...

Que sucederá agora? O Benfica, destronado de um «records» de que era cioso e não se afigurava fácil de cair, pode desinteressar-se; e com êle, outros também.

nente-coronel Salvação Barreto (que fez um improviso brilhante e se retirou de seguida) almirante Pinto Basto, Mário de Noronha pelo Comité Olímpico, Cristóvão Aires, Alberto Macieira, Hugo Gomes, dr. José Pontes, João Castelar, Rebelo da Silva, José António Marques e António Carlos.

Uma sugestão do sr. João de Brito para se saudar o sr. Carlos Fernandes, sócio do Gimnásio que tem sido um dos mais esforçados defensores, permitiu ao sr. Álvaro de Lacerda fechar o banquete com um apêlo vibrante ao espírito de dedicação e unidade da massa associativa do clube.

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50
6 » » 39\$00
12 » » 78\$00

Duas histórias que se recordam...

Um processo monstruoso!... O Gaspar Pinto castigado!

NO primeiro andar do número trinta da Rua da Emenda, reinem-se, periodicamente, uns senhores muito graves para tratar de não menos graves problemas... Conforme a natureza do organismo que trabalha, assim decorrem as reuniões. Se entra a jurisprudência, o caso é falado: acodem uns palavrões que metem medo — e o certo é que em algum tempo me familiarizei com eles, botando discurso. Nas reuniões da Direcção, prima o polimento — às vezes... O Conselho Técnico é o mais «popularuncho» — que não o menos competente.

Recordei este cenário para dar, a quem lá se não tenha perdido, uma ideia, embora ligeira, de como aquilo é, e, sobretudo, para trazer à publicidade um «processo monstruoso» que um dia ali se «julgou» — fêz agora anos...

Estavam presentes o Augusto Pedrosa e o Ribeiro dos Reis. O primeiro, saudável, setubalense puro no sotaque e no apetite; o presidente, com cara de capitão aborrecido e diferente — nos modos e na voz — daquilo que costuma ser... Era o Técnico, claro está, que reunia.

Pois tudo corria perfeitamente. Aquêles protestos e mais protestos que o Mário Santos cuidadosamente metera na pasta dos juizes, iam levando o caminho do costume, em certa uma leitura prévia do Pedrosa, que logo pontificava uma opinião, sempre concordante com a do Ribeiro e de bota-baixo. De repente, porém, surgiu um incidente — o único de que o Mário Santos deu conta durante os seus sete anos de escrupulosa actividade como funcionário. O Pedrosa queria fosse decretada a improcedência do protesto; o Ribeiro, «porque não devia sancionar-se um manifesto erro de aplicação das leis», dava murros na mesa e pedia a anulação do jogo. Não havia, como já foi dito, terceiro juiz para o desempate. O João de Brito fizera «gasetta» — e o caso estava a tornar-se sério. Ao canto da sala, o Mário Santos contorcia-se — não de dores mas com o riso. E que o processo era falso; fôra forjado minutos antes da hora marcada para a reunião e ameaçava criar um «conflito grave» entre dois técnicos que sempre de braço dado haviam andado. O funcionário, ou

recoeso das consequências, pela cara de «capitão aborrecido» que via na sua frente, ou por qualquer outra razão de que nunca tive notícia, revelou, finalmente a verdade: o Sporting de Braga não jogara em Castelo Branco; o Sporting da Covilhã não tinha nada um protesto contra os de Braga; e o Zé Travassos tinha estado de folga no dia que o boletim falso assinava...

Teve sorte, o funcionário; o juiz-setubalense rasgou-se a rir — e o presidente ainda fêz pior: convidou o «engraçado» a que entregasse o processo ao camarada ausente, para que este «tomasse uma resolução final» — pois havia um voto para cada lado (sic).

Assim se fêz. E d'parte a versão dada, relativamente ao escrúpulo do Mário Santos, como funcionário, que foi agarrada pelos cabelos à mingua de quem a cante — tudo o resto é verdadeiro. Falta só referir que o João de Brito andou quinze dias com o processo na algibeira para conhecer do carnavalesco funcionário a opinião do seu presidente...

HAVIA há tempo, na Federação, um funcionário muito zeloso mas que era benfiquista ferrenho!

Ora sucedeu que o Benfica, em certa data, muito atrapalhado com a eliminação de um rival, para a Taça, tinha de fazer terceiro jogo.

O encontro da «2.ª mão» tinha decorrido com certo tumulto e o nosso Gaspar Pinto era acusado pela «camarilha» da contrária de haver pisado o risco... O árbitro do jogo, entretanto, nada referira que pudesse justificar qualquer sanção ao popular jogador.

Entretanto, os companheiros de trabalho do nosso benfiquista — que, aliás, nem sempre estava na Secretaria, pela natureza especial do seu serviço — imaginaram uma brincadeira: fazer um boletim falso de que constassem participações, uma contra um jogador do grupo contrário e, outra, contra o Gaspar. Tudo se fêz — até, mesmo, um despacho falso do Secretário Geral a castigar os dois jogadores com a pena de 45 dias de suspensão!...

Colocados os documentos nos lugares devidos e anunciada, em meio segredo, a patifaria do árbitro contra o Gaspar, o escritório foi abandonado, rapidamente, à hora da saída, só lá tendo ficado o nosso homem...

Claro — partiu logo para o Benfica um telefonema anunciador da má nova.

— Não pode ser! — diziam do Benfica.

— «É verdade», teria gritado o da má nova. — «Tenho aqui o officio que vo-lo comunica. É o n.º 4.564 e tem a data de hoje. Se ainda aí não está, deve estar a chegar!...»

Não havia dúvida: o Gaspar fôra castigado! O Benfica podia considerar-se derrotado!

A Direcção do popular clube reuniu logo, extraordinariamente, e aguardou, durante largas horas, a

Bibliografia desportiva

Directivas para o ensino da Educação Física

A «Organização Nacional Mocidade Portuguesa» acaba de juntar à sua já vasta bibliografia mais uma obra de indiscutível utilidade e mérito — «Directivas para o ensino da educação física».

O precioso livrinho abre com uma introdução em que são expostas as normas segundo as quais se deve ministrar a educação física nos centros escolares primários e nos centros de instrução geral, prevendo, para os segundos, a existência ou inexistência de aparelhos de ginástica.

«Nos exercícios livres, porém, convém manter tanto quanto possível as lições-tipo que se apresentam».

«Os jogos educativos incluídos nas lições deverão ser escolhidos em progresso, de acordo com a idade dos filiados, de entre os publicados no Manual de Jogos da M. P.».

E a fechar a introdução lê-se: «para verificação do bom aproveitamento dos filiados realizar-se-ão concentrações sempre que seja possível, abrangendo os filiados de cada localidade, nos ginásios dos liceus mais próximos ou em campos apropriados, conforme oportunamente será determinado pelo Sub-Delegado Regional respectivo».

Nas páginas seguintes vêm as regras para a redacção dos exercícios e a terminologia abreviada. E explica-se a formatura em xadrez, quer os filiados estejam agrupados em duas, três ou quatro fileiras.

São, então, apresentadas quatro lições-tipo para cada um dos escalões — *lustitos, infantes, vanguardistas e cadetes* — com todas as indicações e todos os pormenores: desde o mês em que devem ser realizadas, à completa descrição dos seus exercícios preparatórios, fundamentais e finais. E por aqui se poderá avaliar da utilidade do volume.

Cumpre-nos felicitar a patriótica Organização por mais esta obra e agradecer os exemplares que nos foram enviados.

ABREU TORRES

chegada do officio — só não havendo feito diligências que pensara, junto do dirigente federativo responsável, para não comprometer quem lhe transmitira a noticia...

O caso deu certo escândalo. O chefe do escritório cedo voltou para o serviço nocturno — a fim de impedir qualquer denúncia da falsa comunicação. Simplesmente — não chegou a tempo. E encontrando o colega, na Secretaria, entre indignado e pesaroso, confidenciou-lhe que o Gaspar jogaria, porque, afinal, havia sido uma brincadeira de rapazes...

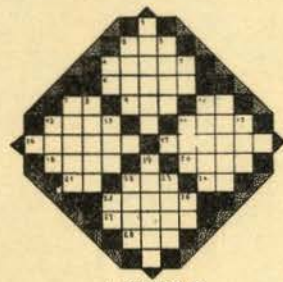
A noticia caiu como uma bomba no benfiquista ferrenho. E ao seu comprometimento, ao ver-se «caçado» na ligeira curva, correspondeu uma gargalhada franca solta em unissono por um grupo de dirigentes que nesse mesmo momento ia trabalhar.

Para a história, aqui ficam duas peças carnavalescas levadas à cena no cenário triste e romântico de um primeiro andar da Rua da Emenda.

MÁRIO SANTOS



PROBLEMA N.º 11



J PESSOA P

HORIZONTAIS

2 — Epidemia. 4 — A pele humana. 6 — Presa de água para servir de motor. 7 — Para este lugar. 9 — Poema lírico. 10 — Perversa. 12 — Lugar onde se junta o pescado. 14 — Estimado. 16 — Espada curva. 17 — Carneiro da Sibéria. 18 — Grupo de pessoas. 20 — Anexava. 21 — Ermo. 22 — Arma de metal para dar socos. 24 — Artigo plural. 25 — Chamem às armas. 27 — Pedra pequena e dura. 28 — Comunica.

VERTICAIS

1 — Exercício acrobático de sucessivos saltos mortais. 2 — Humor viscoso. 3 — Duelo. 4 — Entre nós. 5 — Igreja episcopal. 7 — Facas de mato. — Embrulho. 10 — Grande. 11 — Lavrais. 12 — Niño. 13 — Mulher de pequena estatura. 14 — Bárbaro. 15 — Palmeira. 19 — Túnica que serve para disfarçar no carnaval. 22 — Substância semelhante ao peiz negro. 23 — Velho carnavalesco. 25 — Artigo plural. 26 — Grande quantidade.

CASA DO RIBATEJO

Acaba de fundar-se esta agremiação regionalista, que também vai dedicar-se às práticas desportivas. Tem a sua sede em Lisboa, na Travessa Cidadão João Gonçalves, 20, r/c. — aqui nas vizinhanças da nossa revista...

Foi agora aberto concurso, para o desenho do emblema, entre artistas ribatejanos ou residentes na região; os moldes do projecto têm de obedecer a características especiais de propaganda regionalista, atribuindo-se prémios aos três primeiros classificados: 500 escudos ao vencedor; 250 ao segundo, e menções de honra aos 3.º e 4.º.

Os trabalhos devem ser entregues até às 17 horas do dia 20 de Abril, acompanhados de um sobrescrito lacrado ostentando a divisa do autor e dentro o seu nome e residência

ABRIU A NOVA EPOCA CICLISTA

com os "50 Quilómetros Clássicos"



1 - A caminho de Louza, Alberto Raposo e Inácio comandam o pelotão. 2 - Três "máscaras", que falam por si: o esforço de Lourenço, a confiança de Ferreira e a concentração de Aristides. 3, 4 e 5 - Os concorrentes das categorias de "iniciados", "juniores", e "seniores". 6 - Jacinto e Aristides esforçam-se por "recolar".

(fotos Nunes d'Almeida)





1



2



4



3



5

Hockey em Patins — Na final do Campeonato de Portugal: 1 — A defesa de Paço de Arcos opõe-se com energia a um ataque perigoso. 2 — Adrião, o "keeper", do F. Benfica repeliu a bola com êxito desta vez. 3 — O director da "Stadium", entrega a taça oferecida pela nossa Revista ao capitão do "team", de reservas do F. Benfica, que a conquistou. 4 — **Hockey em Campo** — Uma fase da final do Campeonato de Lisboa, entre o F. Benfica e o S. L. Benfica. 5 — **Rugby** — No jogo Gimnásio C. — Benfica

(fotos Imaesil)

Leixões-Académica: A defesa do Leixões teve trabalho árduo — de que a fase que publicamos é prova flagrante

(foto Hermans)



Aspectos do ciclismo português

Notas à margem do último congresso da U. V. P.

O último congresso ordinário da U. V. P. decorreu em ambiente calmo, excessivamente calmo até, como se tratasse de reunião familiar... Bons sintomas estes?

Pelo que diz respeito a entendimento entre dirigentes, o facto é digno de registo; mas para que trazeza situação próspera da modalidade e interesse pela mesma — devemos convir que não será dos melhores sintomas. Antes pelo contrário, a maneira como decorreu a sessão — quasi sem uma voz a discordar — reflecte sim, quanto a nós, desinteresse e, sobretudo, pouco entusiasmo pelo ciclismo, salvo honrosas excepções.

Apenas oito clubes estiveram representados na reunião, e desses nenhum teve algo de novo para apresentar ou discutir.

O Pôrto — que em congressos anteriores havia marcado a sua personalidade — nem sequer appareceu, a constatar com o desejo formulado de modificar e esclarecer regulamentos e decisões tomadas pelos dirigentes lisboetas.

Ora desta maneira jamais poderá fazer-se obra construtiva e, pior do que isso, continuarão a surgir, inesperadamente, divergências e conflitos, que emperram ainda mais a vida da velocipedista.

O único documento apresentado para alteração de regulamentos, da autoria de um sócio individual, embora tivesse coisas aproveitáveis, continha matéria inadaptable, não só à velocipedista, como ao nosso meio e à época que atravessamos.

Devemos, no entanto, prestar justiça ao seu autor, pelas boas intenções que o moveram ao elaborar tal documento. É até interessante dar a conhecer a finalidade de tal proposta.

Proibindo que os independentes recebessem prémios em dinheiro — assim propunha o sócio Fernando Barreira — pretendia-se aliviar a U. V. P. dos encargos com que a federação é operada ao instituir os citados prémios para estradistas — e não consentindo que os amadores transitassem de clube senão passados três anos após a sua primeira inscrição, visava-se defender esses clubes que, fazendo e educando tecnicamente gente nova, sem ela ficam, logo que sabe alguma coisa, porque outras colectividades lha «pescam»...

Com semelhante documentação, porém, nada se conseguia de positivo. Só se criavam embaraços de ordem interna e complicações com a União Ciclista Internacional.

E que, dada a legislação sobre amadores que vigora internacionalmente — leis feitas e fiscalizadas pela U. C. L., a que todas as federações nacionais têm de se submeter — aquelles corredores «não podem firmar contratos de qualquer espécie com clubes, casas ou fábricas de bicicletas». Portanto, se não podem firmar contratos, nada os impede de, terminado o ano ou a época de provas pela qual tiram a sua licença, transitarem para onde lhes aprouver.

Quanto aos independentes — que entre nós correspondem à 1.ª categoria de corredores de outras na-

ções, podendo por isso alinhar com elles — como poderiam disputar provas internacionais se nelas só há prémios em dinheiro? Teriam assim homens de classe, podendo ombrear com estradistas estrangeiros de nomeada, a correr por uma simples medalha...

Isto seria de facto muito lindo e demonstraria inegalável dedicação pela modalidade. Mas era impossível na prática: cada bicicleta, «utensilio» indispensável a quem corre, custava em tempo normal 1.500\$00 e agora algo parecido com 3.800\$00!

Por tanto, assim como um cavaleiro que sendo amador cem por cento pode receber prémios em dinheiro — o objectivo e alcance dessa faculdade compreende-se bem — um ciclista de classe deve também poder receber prémios monetários.

Quanto a escrupulos de uma federação tratar com amadores e profissionais, não há razão de existirem como demonstraremos em próximo artigo.

GIL MOREIRA

HANDBALL

O Campeonato de Lisboa na sua primeira jornada

As características da nossa revista não permitem relatos dos jogos efectuados, nem isso interessa actualmente aos adeptos da modalidade.

A nossa acção vai ser, portanto, orientada — no que respeita à maior prova lisboense — no sentido de análise geral, versando umas vezes a acção dos grupos em conjunto, outras vezes a actualiação de jogadores, árbitros, Associação e — porque não? — a do próprio público.

Meramente a título de arquivar nestas columnas os resultados obtidos pelos concorrentes, damos seguidamente os algarismos resultantes da primeira jornada do campeonato:

Sporting, 9 - Belenenses, 4.
«Os Treze», 7 - Marvilense, 1.
Unidos, 3 - Benfica, 0.

Em segundas categorias, o Sporting venceu o Belenenses por 10-1. Como se verifica, o campeonato em decurso apenas conta com a participação de seis concorrentes, quantidade demasiadamente reduzida para o primeiro centro desportivo do país.

Esperávamos que a qualidade nos fizesse olvidar essa deminuta

percentagem, mas temos de confessar em parte a nossa desilusão, porquanto a exhibição dos dois «teams» que vimos jogar não foi das mais brilhantes. É certo que no decorrer da partida Sporting-Belenenses se verificou a sua pontinha de emoção e, por vezes, o seu quê de bom «handball»; mas a percentagem não foi de molde a anular por completo a nossa primitiva opinião — de que, ao fim de tantos torneios jogados, o conjunto dos grupos devia ser perfeito. Por parte do Belenenses, então, o desengano foi absoluto.

Confrontemos a actualiação das linhas intermédias dos dois «onzes» e daí resultará o motivo da derrota dos «azuis». O motivo principal, aliás, porque outros houve, embora de menores importância, mas que pesaram no resultado.

Os médios de Belém, designadamente Cruz, Pedro Santos e Cardoso, não imprimiram ao jogo aquela velocidade que tão impressionável é em qualquer actividade desportiva e nomeada e especialmente no «handball», onde a antecipação é um dos triunfos principais. Dos três, somente Cruz teve vislumbres de rapidez sobre a bola e sobre o adversário, integrando-se no seu papel de fornecedor de jôgo à linha avançada. Os outros limitaram-se a estorvar a acção dos contrários, muitas vezes sem a rapidez necessária. Ao contrário, os médios sportinguistas exibiram-se à altura das circunstâncias, aliviando o trabalho dos interiores quanto ao seu concurso na meia defesa. Parker, então, está subindo de jôgo para jôgo.

Concretizando, diremos que aos «azuis» falta um «iro» de equipa que facilite aos seus interiores a infiltração no terreno e a consequente condução perfeita do jôgo até ao capítulo remate, em que se mostram bastante perigosos. Eis quasi tudo — e o resto refere-se à fragilidade demonstrada pela extrema defesa, onde a falta de Natividade foi notória.

E passemos em branco a apreciação sobre o trabalho dos árbitros até que nos seja permitido falar com propriedade dos resultados conseguidos nas reuniões semanais entre os juizes de campo, levadas a efeito por iniciativa da Associação e Comissão de Árbitros.

ALVARO GASPARI

CONCURSO DO "GOAL DA VITÓRIA"

NOVO PRÉMIO DE SEIS CONTOS repartido por dois concorrentes

O primeiro prémio do nosso Concurso do «Goal da Vitória» — na importância de SEIS MIL ESCUDOS — voltou a saír; e desta vez foram dois concorrentes os contemplados, um deles com um boletim e o outro com dois; quer dizer que — conforme preceitua o regulamento — ao sr. JOSÉ FERREIRA GOMES, travessa do Calado, 15-2.º, couberam QUATRO MIL ESCUDOS (com dois cupões, indicando os cinco marcadores do «goal» da vitória na 9.ª jornada do campeonato nacional de futebol: boletim n.º 9) e DOIS MIL ESCUDOS ao sr. FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA, morador na rua D. Carlos Mascarenhas, 27, r/c. O primeiro premiado é funcionário do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóvel e o último é guarda da Polícia de Segurança Pública.

Correspondentes ao cupão n.º 9 — cujo apuramento foi demorado por se terem metido as festas de Carnaval de premeio... — há ainda mais contemplados: CINQUENTA E OITO (58) com o segundo prémio, de MIL ESCUDOS; e uma percentagem maior com o terceiro prémio, de 500\$00: MIL QUATROCENTOS E CINQUENTA E UM concorrentes.

As listas e boletins respeitantes ao cupão n.º 9 (assim como os anteriores cujos prémios não tenham sido ainda levantados) ESTÃO PATENTES — PARA FISCALIZAÇÃO DOS INTERESSADOS — DAS 11 ÀS 12 E DAS 15 ÀS 18 HORAS DE TODOS OS DIAS ÚTEIS.

A nossa administração fez seguir já, em vales de correio registados, as importâncias dos prémios dos concorrentes da provincia contemplados com os MIL ESCUDOS respeitantes aos boletins n.ºs 5, 6, 7, 8 e 9.

Ainda não recebemos o papel encomendado e por isso não podemos, a nosso pesar, publicar as separatas com os nomes dos contemplados. Mas o assunto remedeou-se com a elaboração de listas que se encontram patentes para consulta. Logo que possamos, voltaremos à publicação das listas respectivas.

O CAMBISTA TESTA

está sempre à Testa

das
SORTE GRANDES

Rua do Arsenal
74-78

ANTES de descrevermos o que foi a corrida clássica dos 50 quilómetros, organizada no domingo pela U. V. P., para inauguração da temporada velocipedica de 1943, é justo salientar a atitude tomada por aquela entidade, mantendo, depois de pensar alterá-lo, o percurso inicialmente escolhido para a prova — isto é, a estrada Lisboa-Malveira, onde os ciclistas haviam feito os seus treinos e para a qual tinham preparado «andamentos» e desmultiplicações e fixado planos de conduta.

É um pomenor que parece insignificante, esse de se correr no percurso onde se treina — mas tem importância capital para o rendimento dos estradistas, sobretudo para os que cuidam a sério da técnica de montar. Bem haja a U. V. P. por assim o ter também compreendido.

Assim, pôsto em relevo o procedimento da velha União, vejamos o que foi a corrida de abertura, na categoria de independentes.

A ingrata tarefa dos «roladores»

O primeiro embate deste ano caracterizou-se por uma luta, por sinal brilhante e emotiva, entre os homens «duros», roladores cem por cento, a tentarem isolar-se longe da meta, e os estradistas-«sprinters» — normalmente vencedores dos últimos quinhentos metros — que procuraram, a todo o transe, não «descolar», a-fim-de fazerem valer, no momento oportuno, a sua arma principal — a velocidade.

Foi, sem dúvida, o embate entre a força e a fogaosidade, por um lado, e a tática e subtilidade por outro.

Dessa luta, agradável de seguir, e que se fixou na nossa retina pelo que teve por vezes de empolgante, evidenciaram-se, em primeiro plano, José Martins — o concorrente mais brilhante no ataque — e Francisco Inácio, o homem que melhor e mais eficazmente contra-atacou. Se o homem da Malveira não conseguiu esgueirar-se ao pelotão foi porque o corredor do Casalinho, também no desejo de se isolar, acabara por fazer a «recolagem» dos atrasados.

Igualmente Alberto Raposo e António Jacinto se dedicaram a tarefa, ingrata e infrutífera, de dispersar pelo caminho os dois homens que mais perigosos se tornariam desde as rectas do Lumiar ao Campo Grande — Lopes e Lourenço. O beirão e o sintrense bem «esticaram» em arrancos secos e feitos de surpresa, — mas os «sprinters» lá continuavam a vir, saltitando de roda para roda, confiados nos seus recursos...

E, quando os roladores, já a 12 quilómetros da meta, renunciam à luta, quasi vencidos, a parêlha de «spitards», que tanto se evidenciou em Espanha, entreolhou-se, como que a dizer que estavam senhores da situação...

O imprevisto também conta

Houve, porém, um rolador que se não conformara com a ideia da prova se decidir na Alameda do Campo Grande.

É esse corredor — que era Rebelo — entendeu dever isolar-se na companhia de Inácio, já com Carriço à vista. Semelhante iniciativa, que achámos oportuna, teve como finalidade «quebrar», logo ali no princípio da ingreme ladeira, todas as possibilidades duma chegada em pelotão — o que parecia viável, dado o avanço adquirido



Luta de «sprinters» e «roladores»

nos 50 quilómetros clássicos

pelos fugitivos. Mas o que havia pensado Rebelo ocorreu também a José Martins e a Raposo — e foi este que, brioso, acabou por trazer à frente das operações não só Martins como Eduardo Lopes, o qual, ficando depois os dentes, Carriço acima e o empedrado do Lumiar, jamais deixou de reunir todas as possibilidades de triunfar.

Bons princípios

Como se depreende, a luta travada teve valor e a prova, no conjunto, foi bem disputada.

A julgar pela maneira como toda a gente se «agüentou», a «forma» não deve andar muito arredia de quasi todos os estradistas, à excepção de Lourenço, quanto a nós ainda sem o fôlego e a rapidez habituais. Também José Ferreira se recente por agora da falta de método e saber para conseguir a cadência de um independente.

Quanto aos restantes, José Martins apareceu combativo e com bastante mobilidade, o que não o impede, no entanto, de ser o habitual «destrambelhado» na maneira como e onde ataca. Raposo e Inácio foram voluntariosos, embora o primeiro continue confiando demais nas suas possibilidades. Rebelo e Jacinto, sobretudo este último, pedalam já com grande à-vontade, e Aristides, ainda sem a sua habitual «souplesse» também nos agradou. Só Sereno acusou de mais os golpes vibrados durante uns 50 quilómetros algo compridos, e, ainda por cima, com vento forte a soprar de frente, da Malveira a Lisboa.

Nos lugares de honra

A prova, como é sabido, foi aberta a todas as categorias. Damos a seguir os nomes dos classificados nos lugares de honra:

Independentes — 1.º Eduardo Lopes, 1 h. 48 m. 35 s.; 2.º Martins; 3.º Rebelo. Todos da «Ilumi-

nante». Classificaram-se mais sete. **Sêniores** — 1.º Aristides Paulo, Lisgás, 1 h. 34 m. 18 s.; 2.º Tavares da Silva, Lisgás, 3.º Baptista Alves, Sporting. Classificaram-se mais cinco.

Júniors — 1.º Mota Domingues, Lisgás, 1 h. 40 m. 30 s.; 2.º Afonso Espalha, Lisgás; 3.º Ernesto Rodrigues, «Iluminante». Classificaram-se mais nove.

Iniciados — 1.º Rodrigues Gilberto, individual, 1 h. 36 m. 27 s.; 2.º Domingos Cheio, Combatentes; 3.º Santos Costa, Combatentes. Classificaram-se mais nove.

Veteranos — 1.º Duarte Martins, Sporting, 1 h. 42 m. 53 s.; 2.º Artur Dias Maia, Benfica; 3.º Helder Cunha, Sporting. Houve mais um concorrente classificado, Manuel da Cruz, de «Os 15».

GIL MOREIRA

Actividades da «M. P.»

Com o entusiasmo e correcção das jornadas precedentes, continuou a disputar-se o campeonato de futebol da Ala 2 da «M. P.». Um desafio havia cujo interesse era superior ao de todos os outros: o encontro Pupilos do Exército-Liceu Pedro Nunes, em virtude de se tratar de duas das equipas com maiores possibilidades e consequentemente com maiores aspirações. O triunfo coube aos Pupilos do Exército pelo «score» de 4-1, resultado a premiar, de certo modo, o melhor trabalho dos vencedores.

— A Escola Nacional marcou pontos por falta de comparação da Escola Ferreira Borges.

— Começou no sábado o campeonato de «volley-ball» para o escalão de *cadetes*. Concorrem ao torneio 34 centros, divididos em cinco séries.

MARIA CLARA

(Conclusão da pág. 4)

A azougada e gaiata petiz dos cursos infantis de «Os Combatentes» não esqueceu também os seus amigos! E quando a procurámos recebeu-nos com a mesma gentileza e afabilidade de outrora... Era a mesma rapariga simples que conhecêramos da gymnástica — e não a actriz cujo nome a publicidade lançou através de Portugal; era, em suma, a desportista que recebe a visita de um antigo companheiro do desporto...

— Foi um sonho, um sonho lindo, na verdade, mas de que me parece não ter acordado ainda... «Quem havia de dizer-me, há um ano, que era agora artista... Se me tivessem dito, ria com gosto... Dir-se-ia que não acreditava...»

Assim nos falou a Maria Clara, uma figura do desporto que caminha a passos firmes para a consagração e que a arte absorve, tal como sucedeu com Idalina de Oliveira e Estela de Carvalho, com Oliveira Martins e Tomás de Macedo, com Paiva Raposo, Fernando Pereira, Eugénio Salvador e outros...

É um triunfo mais para o desporto; e também para o Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», a quem saúdamos sinceramente por mais esta vitória.

Jorge Monteiro

O Atlético Club de Portugal

inaugurou uma biblioteca e prestou homenagem à memória de António Faustino

O Atlético Clube de Portugal acaba de nos dar o exemplo de como deve ser valorizada a missão educadora de um clube de desporto, inaugurando nas suas instalações de Alcântara uma biblioteca para os seus associados.

A inauguração revestiu-se de significado especial, pois deu ensejo para se prestar justa homenagem à memória de um dirigente a quem está ligada a fundação do antigo Carcavelinhos: o desportista António Faustino, ainda hoje recordado no clube como exemplo de dedicação. A sua iniciativa se deve, entre tantas realizações de valor, o campo da Tapadinha. Por isso, a biblioteca — de ambiente acolhedor — recebeu o nome de «Sala António Faustino», homenagem que uma lápida fica a assinalar.

Antes realizou-se no salão de festas do clube uma sessão presidida pelo sr. Jaime Franco, presidente da assembleia geral do A. C. P., secretariado pela sr.ª dr.ª Agnez Machado Santos e pelos sr. Ricardo Ornelas, nosso estimado camarada de jornalismo, que representava a Imprensa, Manuel Pinhão, do Belenenses, e o representante do Casalense F. C.

O escritor sr. Manuel Soeiro Gomes proferiu uma conferência subordinada ao tema «Educação Física e Desporto», na qual apreciou os vários casos que andam ligados ao desporto, preconizando diversas medidas necessárias para o tornarem elemento em absoluto benéfico para a humanidade.

Divrros oradores elogiaram a acção cultural com que o Atlético procura rodear a sua actividade desportiva, prestando também homenagem à memória de António Faustino.

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

BOLETIM N.º 12

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
12.ª JORNADA

BELENENSES — ACADÉMICA
UNIDOS — SPORTING
VITÓRIA — BENFICA
UNIDOS (do Barreiro) — OLHANENSE
F. C. PORTO — LEIXÕES

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprimeiramente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

Stadium



EM CIMA: Eduardo Lopes, do G. D. «Iluminante», ganha os «50 quilómetros clássicos» para independentes. O esforço do excelente corredor foi tal que a roda da frente da bicicleta está no ar! — EM BAIXO: Os dez independentes rolam a caminho de Louza.

(fotos Nunes d'Almeida)

